

EXPERIÊNCIA: UM CANAL DE CONEXÃO COM O OUTRO

Sandra Neri Brito de Freitas

RESUMO: Neste artigo, procuramos através de autores como Benjamin e Larrossa, refletir sobre a “experiência”, como ela nos toca, nos transforma e nos conecta com as pessoas que passam por experiências similares, identificando-as como almas irmãs, não nos fazemos indiferentes à sua dor. Trazemos para o diálogo, situações de ensino e aprendizagem, sobretudo as relativas a alfabetização de crianças das classes populares, cujas experiências de insucessos, vividas por seus professores na condição de alunos, os oportuniza entrar em sintonia com essas crianças, tornando-os capazes de conectar-se a elas através de uma escuta sensível de suas histórias de vida, da compreensão do gosto amargo que o fracasso ocasiona na vida das pessoas e da compreensão de que a aprendizagem dos seus alunos poderá ser facilitada através de uma atitude de se importar com aqueles que encontram obstáculos à sua aprendizagem através de uma atitude perseverante, competente e amorosa do professor, para que todos aprendam, nenhum a menos!

Palavras-chave: experiência, conexão, aprendizagem

APRESENTAÇÃO

*Qual o valor de todo o nosso patrimônio cultural (e da riqueza sufocante de idéias)
quando a experiência já não o vincula a nós?*

(Walter Benjamin, Experiência e Pobreza)

Walter Benjamin (1993) e Jorge Larrosa (1998) nos falam que estamos vivendo um tempo de pobreza e de destruição da experiência na vida cotidiana das pessoas, deixando-as como que vazias sem ter o que narrar aos seus pares ocasionando um eco gelado nas relações entre as pessoas.

Mas o que de tão importante há na experiência, que a sua falta empobrece a vida das pessoas? Larrosa (2004,p.154) entende que experiência é “aquilo que “nos passa” ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está portanto, aberto à sua própria transformação.” A experiência para ele seria algo que se passa em nós e não por nós, deixando marcas da

sua passagem. Nesta ótica a experiência é algo raro, único, singular, pessoal e irrepetível, causando uma metamorfose em nós.

Para Benjamim experienciar é “*construir, partilhar e recuperar sentidos sobre a própria existência e sobre o mundo.*” (REBUÁ 2015. p.327) O autor fala de construir sentidos, fazendo uso do plural, uma vez que para ele, os sentidos podem ser múltiplos. Assim construir, partilhar e recuperar sentidos nos remete a constituição cultural da experiência, cuja ação acontece tanto na vida particular como na coletiva, fazendo dela uma experiência vivida

A experiência nos faz compreender o efeito dos acontecimentos em nós e também nos faz entrar em conexão com aqueles que passam por situações similares. É como se nos víssemos neles, o que nos faz desenvolver uma empatia por eles, uma vez que já estivemos em seu lugar. É como se encontrássemos uma alma irmã e que a nossa experiência não nos deixasse ficar indiferentes a sua dor.

Certa vez, em meu trabalho como Orientadora Pedagógica de uma pequena escola localizada na Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro, uma professora alfabetizadora, veio ao meu encontro preocupada com a não aprendizagem de Cleiton, um de seus alunos da Classe de Alfabetização. Segundo ela, ele não aprendia de jeito nenhum, mesmo ela tendo tentado tudo o que sabia para fazê-lo aprender a ler. A professora queria que eu a ajudasse a compreender o que estava acontecendo com o menino para que a situação pudesse ser revertida e ele se alfabetizasse.

Pensei que deveria começar conhecendo melhor o aluno e a forma da professora trabalhar com ele para poder intervir. Passei alguns dias visitando a turma e observando e conversando com Cleiton, analisando como a professora ensinava, conversando com ela sobre suas observações a respeito da forma como aquela criança lidava com as atividades, porém, após duas semanas, ainda não sabia muito bem o que fazer para ajudar o menino, uma vez que sua professora estava fazendo tudo do jeito que eu havia aprendido que deveria ser feito para se poder alfabetizar.

Porque algumas crianças aprendem com uma determinada metodologia e outras não? Se a professora seguia corretamente passo a passo o método proposto para alfabetizar, o que estava acontecendo com aquela criança, que diferente das demais, não estava indicando avanços na sua aprendizagem?

Nossa idéia na época, foi a de chamar a mãe do menino para conversar e entender melhor a sua história a fim de criarmos uma estratégia para ajudá-lo. Através da conversa ficamos sabendo que eles moravam numa avenida de casas humildes de onde vinham para a escola com outras mães cujos filhos já estavam lendo algumas palavras e apenas Cleiton não o fazia. O menino era caçoado por eles como “burro” e já se via dessa forma e ela já achava que ele não iria aprender devido a algum problema que tivesse.

No dia seguinte vi na escola uma porta velha de um guarda roupa, a qual tinha um espelho enorme grudado. Coloquei a tal porta na minha sala e ao seu lado a figura de um burro que havia recortado de uma revista. Chamei Cleiton e lhe contei que havia conversado com sua mãe e que ficara chateada com o que as crianças estavam dizendo dele e perguntei o que tal situação lhe causava. Ele era só tristeza e com lágrimas falou que não sabia o porquê de não conseguir aprender. Ele me contou que o que a professora falava não entrava na cabeça dele e como não conseguia aprender começou a desanimar de fazer as atividades, porque estava sempre tudo errado mesmo.

Mostrei a ele então, a figura do burro e lhe pedi que o descrevesse para mim. Ao final da descrição mostrei-lhe seu reflexo no espelho e perguntei se ele se parecia com o tal burro da figura. Ele disse que não, eram diferentes. Perguntei-lhe então em que eram diferentes. O menino elencou uma série de coisas que caracterizavam a diferença. Então lhe perguntei: - por que então você acredita no que seus amigos malvados falam ao chamar você de burro? Foi então que o coloquei em meu colo, lhe dei um beijo e disse: - você não é burro nada, você é inteligente e nós vamos provar pra essa gente toda que eles estão errados. Ele sorriu encabuladamente, mas com vontade de acreditar que isso fosse verdade. Parece brincadeira contar que tive essa conversa com o Cleiton, mas foi a melhor idéia que tive na época e foi assim que o trabalho com aquela criança recomeçou.

Chartier(1978,p.50) nos fala de situações desta natureza usando como exemplo uma situação em que uma criança não aprende matemática:

Quando um menino não mostra qualquer aptidão para as matemáticas, isto é um aviso de que é necessário ensinar-lhe matemática obstinada e engenhosamente.(...) ainda é muito ouvido “esse menino não é inteligente”. (...) é erro capital em relação ao homem, constitui injustiça essencial mandá-lo assim para junto dos animais, sem empregar em seu favor todo o espírito que se tem e todo o calor de amizade de que é capaz, fazendo voltar à vida essas partes geladas. Se a arte de instruir só tem a finalidade de instruir aos gênios, ela é ridícula, porque os gênios

surtem ao primeiro chamado, e atravessam os obstáculos. Mas aqueles que se agarram a tudo e se enganam com tudo, aqueles que são sujeitos a perder a coragem e a desesperar de seu espírito, esses é que devem ser ajudados.

O autor nos fala que quando encontramos crianças que têm dificuldade de atravessar os obstáculos à sua aprendizagem, devemos justamente nessas ocasiões ensinar a essa criança de forma obstinada e criativa e não carimbar-lhe um selo de não inteligente e jogá-la na pilha de refugos considerando-a um ser irracional para o qual não há jeito de se reverter tal situação. Agindo desta forma, o professor estará cometendo uma das maiores injustiças sociais para com um ser humano, reforçando-lhe a idéia de “ser menos”, como um “ser de segunda categoria”.

O autor ainda fala que em situações desta natureza, o educador deverá fazer uso de toda a sua competência profissional e de todo o seu afeto para aquecer essa alma em agonia, onde somente o calor do afeto e de ações competentes por parte do professor podem ajudar a restaurar a confiança, a coragem e a determinação daquela criança em aprender.

A educação não é uma ação voltada para os gênios, como diz o autor, pois esses seguem quase que sem ajuda e orientação. Se a educação fosse somente para esses, afirma o autor, a mesma seria ridícula, uma vez que é justamente para aqueles que apresentam dificuldade em vencer os obstáculos, que se agarram ao medo, que erram o caminho, perdem a coragem e entram em desespero é que de fato a educação mostra o seu valor .

O que estaria por trás da não aprendizagem de Cleiton? Foi ouvindo sua história que tomamos conhecimento da situação vexatória a que ele era submetido todos os dias. A não aprendizagem de Cleiton, o fazia ser diferente das demais crianças de onde morava, uma vez que todas elas haviam aprendido e já começavam a ler. Tal situação fazia com que o grupo entendesse que o problema era de Cleiton, uma vez que somente ele, naquela turma, não estava aprendendo como as demais crianças, então concluíram que o problema é que ele não era inteligente e daí o chamavam de “burro”. Cleiton vivia o que muitas crianças das classes populares vivem, ainda hoje, nas classes de alfabetização de todo o Brasil, esse gosto amargo de não aprender e a perda da confiança em si mesmas através dos contínuos fracassos.

Foi enquanto pensava em Cleiton e em como é ruim ver todo mundo aprender os conteúdos da escola menos você, é que me lembrei da experiência que

tivera anos atrás, enquanto aluna na sala de aula do professor Armando, o meu professor de matemática da sétima série. Ele viu que olhávamos uns para os outros com olhos arregalados, num desespero de não estarmos entendendo absolutamente nada. Nesta época em 1972, Paulo Freire ainda não havia escrito a Pedagogia da Autonomia, mas parece que Armando havia intuído algumas de suas palavras:

(...) precisamos aprender a compreender o significado de um silêncio, ou de um sorriso ou de uma retirada de sala. O tom menos cortês com que foi feita uma pergunta. Afinal, o espaço pedagógico é um texto para ser constantemente 'lido', interpretado, "escrito" e "reescrito". (FREIRE, 1996, p.97).

O silêncio falou para aquele professor. Os olhos arregalados de um aluno falam, a postura fala, o sair de sala constantemente, a indisciplina, a fala pouco cortez ou desafiante, tudo está em diálogo com o educador e sua forma de trabalhar. O professor Armando ouviu o grito de socorro ecoar através do silêncio dos seus alunos, dos olhos arregalados, do olhar um para o outro, do desespero contido em cada olhar, assim como a tristeza de Cleiton falava comigo e com a sua professora.

O professor Armando calmamente parou a aula e começou a perguntar o porquê de nossa atitude. Depois de tentar muito nos convencer a falar e vendo o medo estampado em nossa face, sorriu com carinho e disse que queria nos ajudar. Foi então, que tivemos uma faísca de coragem para lhe contar que havíamos tido uma mesma professora de matemática na quinta e sexta série e que ela nos ensinava de uma forma que ninguém aprendia nada. Falava virada para o quadro e nunca para nós, dava a matéria e pensava que a gente tinha aprendido. Mas como aprender se a gente não entendia nada da lógica do que ela estava ensinando? Não entendíamos o porquê ou para que daquilo que ela ensinava, que nada daquilo fazia sentido para nós, e além disso, tínhamos medo de perguntar, pois ela dava umas respostas ríspidas a quem ousasse fazer uma pergunta e com o tempo, todos desistimos de tentar aprender.

Ao lembrar minha história como aluna, através de uma experiência de insucesso em minha aprendizagem, me conectei com o sentimento de Cleiton, pois já estivera neste lugar de não aprender e sabia quão duro era se sentir assim e o quanto isso machucava a gente. A solução encontrada pelo professor daquela época, fora a de ouvir os alunos, assim pensei em também tomar esse caminho, ouvindo a história de Cleiton. Ouvir a história dos alunos é se aproximar de sua realidade, de como vive, de que dramas passa. É conhecer seu mundo, seu dia a dia. É vê-lo como legítimo outro igual a mim, um sujeito com uma história e não um par de olhos, ouvidos e mãos que

freqüentam a minha sala de aula. Em minha frente há uma pessoa de carne e osso que tem sentimentos.

Minha história como aluna me ajudou a enxergar uma possível pista de que por vezes o fato de um aluno não aprender pode não ter a ver consigo, mas pode haver outros fatores envolvidos como a forma de o professor trabalhar o conteúdo, a forma deste se relacionar com os estudantes, a forma de falar com eles, o tom de voz usado para se dirigir a eles que pode fazer com que sintam um clima ameaçador e fazer com que eles se escondam no silêncio. A minha experiência como aluna estavam me ajudando neste momento muito mais do que qualquer conhecimento aprendido no curso do magistério ou na Faculdade de Pedagogia, fazendo com eu tivesse empatia por Cleiton e me conectasse com ele, porque me via no lugar dele.

Kohan (2005,p.182) faz algumas perguntas que deveriam estar sempre na mente de nós professores e orientadores: (...) *Será que ensinamos de verdade quando dizemos que ensinamos? Será que alguém aprende quando dizemos que ensinamos? O que significa ensinar e aprender? Qual a relação entre um e outro? Como propiciar que alguém aprenda algo?*

Se minha professora de matemática da 5ª e 6ª série tivesse analisado as nossas atividades e percebido as dificuldades em conseguirmos solucionar os problemas propostos, se tivesse ido de mesa em mesa e conversado conosco, refletido sobre as notas nos testes e provas, se tivesse nos perguntado com carinho a respeito do que estava acontecendo e se abrisse para se importar conosco, a história teria sido outra, talvez tivéssemos contado a ela que daquele jeito que ela estava “ensinando”, nós não estávamos aprendendo e então ela poderia pensar numa outra forma de nos ensinar e talvez tivéssemos aprendido nas suas aulas.

O professor Armando disse para nós que na aula seguinte iríamos começar uma nova aventura do conhecimento, mas que a gente precisava confiar nele e perguntar sem medo tudo o que não estivéssemos entendendo. Ele evocou nossa confiança através das suas palavras, do seu olhar, do tom da sua voz, da sua escuta, da sua forma de nos fazer perguntas e dar atenção a cada resposta. Tais atitudes nos encorajaram a tentar mais uma vez correr o risco de uma nova tentativa para aprender tudo o que não havíamos aprendido, havia algo naquele professor que nos inspirou confiança.

Em resposta a sinceridade dos alunos, o professor tomou a atitude de ajudá-los a aprender através de um retorno às bases do conhecimento matemático que deviam ter sido construídas nas séries anteriores e que devido a postura do colega anterior, não foi possível. FREIRE (2009,p.69) fala dessa propensão ao risco e a aventura que todo educando precisa fazer em sua busca por mais conhecimento:

Mulheres e homens somos os únicos seres que, social e historicamente, nos tornamos capazes de aprender. Por isso, somos os únicos em quem aprender é uma aventura criadora, algo por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a lição dada. Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e a aventura do espírito.

Nós humanos temos a capacidade de aprender e Freire fala que aprender é uma aventura criadora, isso se deve ao fato de que o aprendizado faz entrar em conexão muitos conhecimentos que geraram aprendizagens para além do objetivo inicial, fazendo com que um conhecimento entre em conexão com outro gerando em nós abertura para o inusitado ao pensar em novas possibilidades a partir das conexões que formos capazes de fazer com tudo o que já sabemos.

Para o aluno que já fracassou se dispor ao risco, faz-se necessário que o professor desperte sua confiança. O fracasso dói muito e mina a auto-confiança da pessoa e quem já fracassou tem medo de fracassar novamente. Há que se ter algo no olhar, no tom de voz, nas palavras e nas atitudes do professor para que o aluno acredite nele mesmo e ouse tentar mais uma vez.

O professor Armando começou na semana seguinte a nos ensinar e nos estimular a perguntar. Ia de mesa em mesa tentando entender nosso raciocínio para resolver uma dada questão, considerava os diferentes caminhos que utilizávamos para encontrar uma resposta. A cada pergunta nossa, um sorriso. Caso houvesse mais perguntas sobre o mesmo assunto, ele explicava a matéria de uma maneira diferente, assim, se não entendêssemos com a primeira explicação havia muita chance de entendermos quando ele explicasse da segunda vez. CAGLIARI (1999,p.55) nos fala a esse respeito:

(...) quando uma explicação não serviu para levar um aluno a corrigir um erro ou a fazer determinada tarefa, o professor precisa procurar uma outra maneira de explicar. (...) procurar explicações adequadas requer saber abordar um problema de muitas maneiras de ângulos diferentes, seguir caminhos alternativos.

O autor indica que o professor deve conhecer tão bem o conteúdo que ensina de forma que possa apresentá-lo aos alunos através de inúmeras maneiras

atendendo as diferentes perspectivas de aprendizagem dos alunos de sua turma. Podemos perceber que esse professor de quem fala, entende que por trás da não compreensão do aluno, existe possivelmente um problema de “ensinagem” e não propriamente de aprendizagem. O professor inclui sua forma de ensinar na roda de possíveis causas para a não aprendizagem do aluno.

Com o professor Armando aprendemos. Ele dizia que éramos capazes e nos fazia conversar uns com os outros, a termos idéias diferentes de como abordar uma dada situação desafio. As aulas eram maravilhosas, ríamos, conversávamos com o professor como se ele fosse nosso colega e as notas de toda a turma dispararam para cima.

Esta nova abordagem do professor de tornar o ambiente favorável a aprendizagem através do diálogo com os alunos, fez surgir um ambiente propício à aprendizagem onde todos aprenderam de forma significativa os conteúdos em estudo. CAGLIARI (1999.p.54) nos ajuda a compreender o ato de entender o que nos é ensinado pelo professor:

Entender é ter um conjunto de informações que explique a natureza, a função e os usos do conhecimento. Isso não se adquire linear nem automaticamente, pelo fato de ter ouvido alguém falar dessas coisas, mesmo que as palavras sejam familiares e o texto c aluno reage de uma maneira individual à construção do conhecimento, cada um tem um caminho próprio, cada um atribui valores próprios muito individuais, aos elementos do conhecimento que constrói no processo de aprendizagem. Tudo isso precisa ser levado em conta, porque faz parte intrínseca da natureza humana e, portanto, de cada indivíduo. Dar explicações adequadas requer do professor um trabalho preliminar de descobrir a necessidade de esclarecimento de cada aluno e da classe como um todo. Para isso, o professor precisa ter um preparo profissional de alta qualidade: competência para analisar todas as situações de trabalho escolar que enfrenta na sala de aula e para tomar decisões corretas como educador e professor, dizendo aos alunos, que é necessário, da maneira adequada.

Entender algo significa compreender sua natureza, de onde vem, porque se constitui de uma determinada maneira e não de outra, compreender sua função, entender a utilidade daquele conhecimento no mundo prático cotidiano. Ensinar, portanto, é uma via de mão dupla onde está envolvido o ato cognoscente do professor em compreender a natureza do que ensina e os possíveis caminhos para o seu ensino e também do aluno ao buscar compreender o que lhe é ensinado.

Se o professor não conhece o que ensina ou não está disposto a fazer a viagem para conhecer algo junto com o aluno, motivados pela curiosidade mútua, o professor de fato, não terá ensinado nada, como a professora de matemática anterior ao

professor Armando na minha escola. A professora esteve presente às aulas, falou do conteúdo. no entanto, não o ensinou de fato aos seus alunos. Houve falação, mas não ensino, e sem ensino ou a propensão a reflexão, não acontece a aprendizagem.

A experiência educativa com o professor Armando, me fez pensar no quanto havia de mim em Cleiton, em como era ruim uma criança se sentir inferior aos colegas que aprendiam. Esse gosto amargo de não entender como aprender, de não fazer sentido o que estamos aprendendo, de não entender a lógica das coisas. De se considerar inferior aos colegas, de se sentir “burro”.Eu já experimentado essa sensação e sabia o efeito que isso tinha principalmente em uma criança pobre. Mas sabia também da potência que há quando encontramos um professor que sabe de verdade os conteúdos que ensina e tem aquele prazer danado de bom de ver os olhos dos alunos brilharem de curiosidade para aprender e da satisfação que têm em não medir esforços para que o que ensina seja de fato compreendido e aprendido pelos seus alunos.

A escola precisa se constituir num espaço de alegria onde os estudantes se sintam empoderados pelo conhecimento, onde se sintam inteligentes, capazes, criativos e com desejo de saber mais, a escola como diz MARTINS (2015,p.63) deve ser um lugar emocionalmente saudável e favorável ao trabalho educativo. Cleiton, sei hoje, era uma criança das classes populares que vemos em nossas turmas nas escolas públicas ou mesmo em escolas particulares das periferias e que assim como ele, passam por algum tipo de privação. São marcadas pelas vicissitudes da vida e que lutam para sobreviver a situações potencialmente adversas. Essas crianças aprendem desde cedo a sofrer com o que acontece com seus pais e consigo mesmas, e mesmo em meio a tudo isso, sabem o valor da escola e sonham com o sucesso dentro dela.

É interessante perceber, que apesar de todas as adversidades tais crianças, inclusive o Cleiton, ainda acreditam na escola e querem se sair bem dentro dela. O sucesso na alfabetização é o carro abre alas para o sucesso no mundo escolar. Não conseguir aprender a ler e a escrever significará um carimbo de sofrimento através de várias reprovações, tantas vezes quantas cada criança insistir em permanecer na escola, daí não suportando tanta dor, muitas dessas crianças evadem.

MARTINS (2015) fala que em suas pesquisas com crianças das classes populares de Duque de Caxias, constatou que surpreendentemente elas têm uma atitude positiva frente à vida, vivendo o presente como podem, e o fazem a partir de um dia de

cada vez alimentando a fé em dias melhores, apesar de um presente aparentemente inexorável. Se tais crianças têm como característica manter a fé na vida, por que perdem a fé em si mesmas e na capacidade de aprender, além de também, com o tempo, perderem a fé na escola? Há algo de muito errado dentro das escolas que faz com as crianças desacreditem em si mesmas e nela.

Cleiton se alfabetizou e sua história nos marca e nos faz pensar no potencial que cada criança tem para aprender a partir da fé que põe em si mesma e na fé que seus professores demonstram possuir no potencial de cada uma delas em aprender e o fazem de maneira perceptível para as crianças, seja a partir do tom da sua voz, de suas atitudes, das propostas pedagógicas que faz e do efeito que o amor, carinho e atenção que dedicam a cada criança fazem na vida de cada uma delas e que se valem das suas experiências de não aprendizagem um canal de conexão entre si e seus alunos buscando ensinar de forma a suscitar aprendizagens.

Referencias Bibliográficas:

ARAÚJO, Margareth, *Pedagogia social; a professora aprendente e as crianças trabalhadoras*.

BENJAMIN, Walter, *Experiência e pobreza*. In: *O anjo da história*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. p. 83-90.

CHARTIER, Emile, *Reflexões sobre a educação*. São Paulo: Saraiva, 1978.

CAGLIARI, Luiz Carlos, *Alfabetizando sem o Bá-be-bi-bo-bu*, São Paulo: Sipione, 1998.

FREIRE, Paulo, *Pedagogia da autonomia*, São Paulo: Paz e Terra, 1996.

----- *Educação como prática de liberdade*, São Paulo: Paz e Terra, 2009.

KOHAN, Walter O, *Infância. Entre educação e filosofia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

LARROSA, Jorge Bondía. Trad. João Wanderley Geraldi. *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*. Revista Brasileira de Educação. nº 19, p. 20-28. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Linguística.

REBUÁ, Eduardo. “O empobrecimento e o isolamento da experiência”. In: REBUÁ, Eduardo. *Da praça ao solo: um novo chão para a universidade. As experiências das universidades populares de Madres de Plaza de Mayo [UPMPM] e Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra [ENFF] em tempos de crise neoliberal na América Latina [2000-2010]*. Tese [Doutorado em Educação] – Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal Fluminense, 2015.